

IV CONGRESSO REGIONAL DA PASTORAL FAMILIAR - NORDESTE 2

Família cristã: vocação ao amor e missão no mundo de hoje
“A família é a primeira escola dos valores humanos.” AL 274

Da pastoral de manutenção à pastoral de acompanhamento¹

A reflexão pastoral não se dirige a uma família abstrata, mas às famílias concretas que celebram e choram, famílias que permanecem unidas em meio a muitas provações e famílias que atravessam rupturas; jovens que desejam amar para sempre e jovens que já não acreditam que isso seja possível; avós que sustentam a fé de uma casa inteira; mães e pais que se sentem sozinhos; casais que precisam ser fortalecidos; pessoas feridas que, às vezes, não sabem se ainda existe para elas um lugar na comunidade.²

A passagem da pastoral de manutenção à pastoral de acompanhamento implica uma mudança, pois enquanto a manutenção se concentra na conservação das estruturas, o acompanhamento reconhece as pessoas que Deus confia à comunidade e discerne o passo possível ao qual o Senhor as chama.³ A manutenção tende a começar pela agenda e o acompanhamento começa pelo encontro. A manutenção mede o número de eventos e o acompanhamento procura reconhecer processos de fé, vínculos restaurados, consciências formadas e famílias que passam da condição de destinatárias à de sujeitos da missão.⁴

Há quarenta e cinco anos, a *Familiaris Consortio* afirmava que a Igreja deseja oferecer ajuda às famílias concretas e que, para evangelizá-las, precisa conhecer as condições reais em que vivem.⁵ Há dez anos, a *Amoris Laetitia* retomou esse patrimônio e pediu uma pastoral capaz de acompanhar, discernir e integrar a fragilidade, sem renunciar à beleza da vocação cristã ao amor. Portanto, não se estabelece oposição entre verdade e misericórdia, doutrina e vida, ideal e realidade. Trata-se de aprender de Cristo a verdade que cura, a misericórdia que chama à conversão e a proximidade que não abandona ninguém no meio do caminho.⁶

Quando uma família se aproxima da comunidade eclesial, deve encontrar, antes de exigências administrativas, um rosto acolhedor, uma escuta atenta e um caminho de fé. Evidentemente, uma pastoral responsável necessita de organização, critérios e normas. Todavia, esses elementos devem permanecer a serviço do encontro com Jesus Cristo. Quando a estrutura deixa de servir à vida, torna-se autorreferencial. O Evangelho não se torna menos exigente quando anunciado com ternura; torna-se mais inteligível, próximo e capaz de suscitar uma resposta livre.⁷

O Papa Francisco descreveu a conversão pastoral como a passagem de uma simples administração para um estado permanente de missão e recordou que a pastoral não pode permanecer numa atitude de mera conservação. Aplicada à família, essa conversão requer que cada

¹ Pe. Rodolfo Chagas Pinho, batizado em 19/08/1984, presbítero da Diocese de Jacarezinho-PR. Assessor da Comissão Episcopal Vida e Família CNBB e Secretário Executivo Nacional da Pastoral Familiar.

² *Gaudium et Spes*, n. 1.

³ Documento de Aparecida, n. 370.

⁴ *Evangelii Gaudium*, n. 24.

⁵ *Familiaris Consortio*, n. 1;4.

⁶ *Amoris Laetitia*, n. 291-312.

⁷ *Evangelii Gaudium*, n. 46-47.

iniciativa seja examinada segundo sua capacidade de favorecer o encontro com Cristo, estabelecer relações continuadas e sustentar passos de maturidade humana, conjugal, familiar e eclesial. Sem essas dimensões, permanece uma atividade isolada, e não propriamente um processo pastoral.⁸

A manutenção gosta de pessoas previsíveis: aquelas que chegam no horário, preenchem os requisitos, compreendem nossa linguagem e se encaixam nos percursos já existentes.⁹ A missão, ao contrário, nos leva à fronteira onde a vida é menos ordenada¹⁰ e ali encontramos uniões frágeis, sobrecarga de trabalho, pobreza, violência, dependências, solidão, migração, famílias recompostas, luto, deficiência, abandono, conflitos de gerações e distância da fé. A missão não romantiza essas situações, apenas se recusa a concluir que uma história ferida seja uma história sem futuro.¹¹

Jesus não esperava que as pessoas organizassem toda a vida para então se aproximarem, ele se aproximava, fazia perguntas, escutava, revelava a verdade e abria uma possibilidade nova. Com a samaritana, começa pedindo água; com Zaqueu, entra em casa; com os discípulos de Emaús, caminha no ritmo de sua tristeza; com a mulher acusada, interrompe a violência e depois a chama a uma vida nova. Em todos esses encontros há acolhida e verdade, misericórdia e conversão, tempo e decisão. É esse movimento do Evangelho que a pastoral familiar precisa aprender a traduzir em práticas.¹²

Uma comunidade missionária¹³ não se limita a contabilizar matrimônios celebrados ou participantes em encontros, mas considera a continuidade do acompanhamento após a celebração, a atenção aos ausentes e a capacidade de relacionar a fé às decisões, às feridas, aos afetos, ao trabalho, à sexualidade, à educação dos filhos e ao uso dos bens materiais.¹⁴ Uma pastoral que acompanha passa do contato episódico à presença fiel; do curso isolado ao itinerário; da recepção passiva à responsabilidade compartilhada.¹⁵

A palavra acompanhar pode parecer excessivamente ampla e, por essa razão, requer definição de que é uma ação eclesial pela qual alguém, em nome da comunidade, se aproxima de uma pessoa ou família, acolhe sua história, ajuda-a a escutar a Palavra de Deus, discerne com ela os passos possíveis e permanece presente durante o processo.¹⁶ Acompanhamento não é controle espiritual; não é amizade sem direção; não é terapia improvisada; não é decidir no lugar do outro, ao contrário, é um serviço à ação de Deus e à liberdade responsável da pessoa.¹⁷

Os verbos do acompanhamento

O primeiro é a proximidade, que reduz a distância entre o discurso da Igreja e o chão da casa. Ela exige sair do salão paroquial, conhecer o território, visitar, criar horários possíveis, usar com

⁸ Evangelii Gaudium, n. 25; 27.

⁹ Documento de Aparecida, n. 362-363

¹⁰ Mt 9,36.

¹¹ Evangelii Gaudium, n. 20; 46.

¹² Jo 4,7-26; Lc 19,1-10; Lc 24,13-35; Jo 8,1-11.

¹³ Evangelii Gaudium, n. 24

¹⁴ Documento de Aparecida, n. 278-280

¹⁵ Amoris Laetitia, n. 200-204.

¹⁶ Documento de Aparecida, n. 277-280

¹⁷ Evangelii Gaudium, n. 169-173.

prudência os meios digitais e desenvolver uma cultura em que pedir ajuda não seja motivo de vergonha.¹⁸ A *Familiaris Consortio* fala de uma ação pastoral progressiva, que acompanha a família nas diversas etapas de sua formação e desenvolvimento. Isso significa que a ação eclesial não pode concentrar quase toda a energia antes do matrimônio e desaparecer justamente quando começam os desafios da convivência, da chegada dos filhos, da crise econômica, do cuidado dos idosos e das transições da vida.¹⁹

O segundo verbo é sobre a escuta que não consiste apenas em permitir que alguém fale enquanto se prepara uma resposta, mas em acolher sua experiência, distinguir fatos, sentimentos, interpretações e desejos e perceber tanto o que é expresso quanto aquilo que ainda não pode ser nomeado.²⁰ A escuta pastoral identifica o sofrimento, os elementos que sustentam a família, as tentativas já realizadas, as redes de apoio, a vida de oração, os temores predominantes e os sinais possíveis de esperança. A escuta não suspende o Evangelho, mas prepara o terreno para que ele seja ouvido como Boa-Nova e não como uma sentença pronunciada de longe.²¹

O terceiro verbo é sobre iluminar, pois a comunidade não acompanha apenas com empatia humana, mas acompanha com a Palavra, com o ensinamento da Igreja, com a oração, com a graça sacramental e com a sabedoria de outras famílias. Iluminar é ajudar a pessoa a perceber a presença de Deus, confrontar escolhas, reconhecer responsabilidades, nomear injustiças, buscar reparação e descobrir recursos espirituais que talvez estivessem esquecidos. A *Amoris Laetitia* insiste que a Palavra de Deus não é uma sequência de teses abstratas, mas companheira de viagem também para famílias em crise ou atravessadas por algum sofrimento.²²

O quarto verbo é sobre o caminhar, uma vez que, *Familiaris Consortio* fala de uma pedagogia de crescimento e de passos que conduzem progressivamente à integração mais plena dos dons e exigências do amor de Deus.²³ *Amoris Laetitia* retoma essa lógica ao recordar que cada pessoa avança gradualmente, integrando os dons de Deus e as exigências de seu amor. Caminhar é não exigir que o primeiro passo já tenha a forma do último, sem perder de vista a direção. É valorizar o bem que já existe, fortalecer o que é frágil e propor com clareza o passo seguinte.²⁴

Da porta ao caminho

A relação entre a família real e o ideal cristão constitui uma tensão fecunda²⁵ pois às vezes, esses termos são usados como se precisássemos escolher um lado. De um lado estaria o ideal cristão, belo, mas distante; de outro, a vida real, complexa e imperfeita. Essa oposição é falsa.²⁶ O ideal cristão não é uma fotografia usada para humilhar quem não corresponde a ela. É uma vocação, um dom e uma direção. E a família real não é um problema a ser tolerado; é o lugar

¹⁸ Documento de Aparecida, n. 278; 363

¹⁹ *Familiaris Consortio*, n. 65.

²⁰ Documento de Aparecida, n. 363; 366

²¹ *Evangelii Gaudium*, n. 171.

²² *Amoris Laetitia*, n. 22.

²³ *Familiaris Consortio*, n. 9.

²⁴ *Amoris Laetitia*, n. 295.

²⁵ Documento de Aparecida, n. 432-435

²⁶ *Gaudium et Spes*, n. 48.

concreto onde a graça trabalha, onde o amor aprende a ser fiel e onde a conversão se torna possível.²⁷

A *Amoris Laetitia* adverte contra uma apresentação excessivamente abstrata e artificial do matrimônio, distante das situações concretas e das possibilidades efetivas das famílias. Não basta repetir formulações verdadeiras se elas não forem inseridas num anúncio capaz de despertar desejo, confiança e responsabilidade. Ao mesmo tempo, a Exortação não propõe rebaixar o horizonte. Afirma com clareza que não se deve renunciar a apresentar o matrimônio em toda a sua grandeza e que compreender situações excepcionais nunca significa esconder a luz do ideal mais pleno.²⁸

A imagem de uma estrada de montanha permite compreender a dinâmica do acompanhamento, pois a meta importa: sem ela, caminhamos sem direção. Mas também importa saber onde a pessoa está, quais feridas carrega, que recursos possui, se há neblina, se o terreno é seguro e qual é o próximo trecho possível. Dizer apenas a meta é lá pode ser correto e insuficiente. Dizer fique onde está pode parecer acolhedor, mas abandona a pessoa. Acompanhar é mostrar a beleza da meta, oferecer condições para o passo seguinte e permanecer ao lado durante a subida.

Por isso o discernimento é uma palavra central e, por isso mesmo, precisa ser protegida de interpretações superficiais. Discernir não é procurar uma justificativa religiosa para fazer o que já decidimos.²⁹ Também não é aplicar mecanicamente uma fórmula sem ouvir a pessoa. É reconhecer, na luz de Deus e em comunhão com a Igreja, a verdade de uma situação, as responsabilidades envolvidas, o bem possível agora e o caminho de conversão que se abre.³⁰

O relativismo consiste em negar a existência de uma verdade que interpela, o rigorismo, em pronunciar a verdade sem assumir responsabilidade pelo caminho da pessoa e o discernimento cristão, por sua vez, permite que a verdade de Cristo ilumine a história concreta e suscite uma resposta livre, gradual e responsável. O relativismo deixa a pessoa sem direção. O rigorismo pode deixá-la sem esperança. O discernimento oferece direção e esperança, ao mesmo tempo.³¹

A consciência tem papel decisivo, mas consciência não é simplesmente aquilo que sinto ou aquilo que prefiro. É o lugar interior do juízo moral, que deve ser formado pela Palavra, pela razão, pela oração, pelo ensinamento da Igreja, pelo exame das consequências e pelo conselho prudente.³² A comunidade não substitui a consciência; ajuda a formá-la. Não decide arbitrariamente no lugar da pessoa; ajuda-a a comparecer com sinceridade diante de Deus. Por isso, o acompanhamento sério evita tanto respostas instantâneas quanto dependência prolongada do agente pastoral.³³

O discernimento sem exclusão exige distinguir pertencimento e perfeição, pois a Igreja é casa de discípulos em caminho, não prêmio para impecáveis. Toda pessoa deve encontrar respeito, escuta, anúncio da Palavra, convite à oração, oportunidades de caridade e um caminho real de participação, conforme sua situação e as orientações da Igreja. A integração não é um gesto

²⁷ *Amoris Laetitia*, n. 72-73.

²⁸ *Amoris Laetitia*, n. 36; 307-308.

²⁹ Rm 12,2; 1Ts 5,21-22.

³⁰ *Amoris Laetitia*, n. 300.

³¹ *Amoris Laetitia*, n. 304-306.

³² Catecismo da Igreja Católica, n. 1776-1802.

³³ *Gaudium et Spes*, n. 16.

genérico; é a busca concreta de como cada pessoa pode crescer na comunhão e servir. *Amoris Laetitia* recorda que ninguém pode ser condenado para sempre e que a lógica do Evangelho é integrar.³⁴

Casais acompanham casais de modo singular e não porque tenham uma vida perfeita, mas porque conhecem por dentro o trabalho cotidiano da aliança.³⁵ Podem testemunhar como atravessaram crises, como aprenderam a conversar, como buscaram ajuda e como a graça agiu em sua fragilidade. Esse testemunho deve ser humilde: não oferecer a própria história como receita universal, mas como sinal de que é possível caminhar. A *Familiaris Consortio* insiste que a família cristã é sujeito ativo da pastoral familiar e que esse setor deve ser reconhecido como prioritário.³⁶

Jovens também podem acompanhar outros jovens, especialmente na educação para o amor, no namoro, no discernimento vocacional e no uso responsável das redes. Pessoas viúvas podem acolher quem atravessa o luto. Pais de pessoas com deficiência podem oferecer escuta competente a famílias que acabam de receber um diagnóstico. Famílias migrantes ajudam outras a reconstruir vínculos. Pessoas que superaram dependências, com prudência e formação, podem apoiar percursos de recuperação. A comunidade se torna fecunda quando transforma experiência purificada em serviço.³⁷

E tudo isso requer compreender a Pastoral Familiar não como um conjunto de eventos, mas como uma rede de itinerários conectados. A porta de entrada pode ser diversa: batismo, catequese, namoro, casamento, nascimento de um filho, crise, luto, busca por ajuda, mas a comunidade oferece sempre três movimentos: acolher, vincular e enviar. Acolher significa receber a necessidade imediata. Vincular significa inserir em relações e processos. Enviar significa ajudar a família a descobrir sua vocação missionária.³⁸

Esses compromissos exigem escolhas, talvez tenhamos de reduzir eventos para sustentar processos. Talvez seja necessário investir mais em formação do que em publicidade. Talvez precisemos admitir que algumas linguagens afastam, que alguns horários excluem e que algumas práticas já não respondem ao território. Conversão pastoral inclui a coragem de avaliar e mudar. Não se trata de abandonar o que é essencial, mas de retirar obstáculos para que o essencial apareça com mais força.

Portanto, o fruto mais significativo deste Congresso consiste na conversão de uma pastoral centrada em atrair famílias para atividades preestabelecidas, em uma comunidade disposta a caminhar com elas, a fim de que encontrem Cristo e descubram sua missão.³⁹ Essa conversão exige aprendizagem contínua para um serviço mais adequado e a consciência de que o Senhor reúne seu povo pela graça e o envia a abrir caminhos de conversão, comunhão e serviço.⁴⁰

³⁴ *Amoris Laetitia*, n. 296-299.

³⁵ Documento de Aparecida, n. 432-437, alínea “b”

³⁶ *Familiaris Consortio*, n. 69-73.

³⁷ 2Cor 1,3-4; 1Pd 4,10.

³⁸ *Evangelii Gaudium*, nn. 24 e 33.

³⁹ *Evangelii Gaudium*, nn. 25-33.

⁴⁰ CNBB, *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*, Documento 100, n. 50-58.

Assim, nossas famílias do Regional Nordeste 2, a exemplo do umbuzeiro, sejam profundamente enraizadas em Jesus Cristo, capazes de guardar a água da fé para os tempos difíceis, abertas para oferecer sombra aos cansados e generosas para produzir frutos de amor, comunhão e esperança. E onde buscar a água? A família precisa buscar a água guardada em suas raízes: o amor construído ao longo do tempo, a memória dos idosos e avós, o diálogo, o perdão, a solidariedade e, sobretudo, a fé em Deus.

Meus irmãos e irmãs de Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba somos uma grande rede de arquidioceses, dioceses, paróquias, comunidades, movimentos, serviços e famílias unidas pela mesma missão. Diferentes em nossas culturas e realidades, tornamo-nos um só corpo quando colocamos nossos dons a serviço da evangelização das famílias.

Que a Pastoral Familiar esteja onde a vida realmente acontece: nas capitais e nos pequenos municípios; no litoral, na zona da mata, no agreste, no brejo, no cariri, no seridó e no sertão; nos conjuntos habitacionais, nas comunidades quilombolas, pesqueiras e rurais; nas casas cheias de alegria e também naquelas onde alguém sofre em silêncio.

Que nenhuma família caminhe sozinha, e nenhuma equipe da Pastoral Familiar deve sentir-se isolada em sua missão. Sigamos com os pés firmes nesta amada terra nordestina, dos protomártires do Brasil, com o coração enraizado em Jesus Cristo e com os braços abertos para acolher cada família.

Uma só fé e uma só missão: acolher, acompanhar, integrar e enviar famílias para cuidar de outras famílias.

“pastoral nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão. Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de feridos, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.”

Papa Francisco, Discurso ao Episcopado Brasileiro em 27/07/2013.

“Não tenhamos medo de sujar as mãos no canteiro de obras do nosso tempo”

Papa Leão XIV, Magnifica Humanitas, n. 16.